



Novos tempos Claret por 1,52 milhões de euros



Ataques na FIB podem ajudar ao esclarecimento do caso



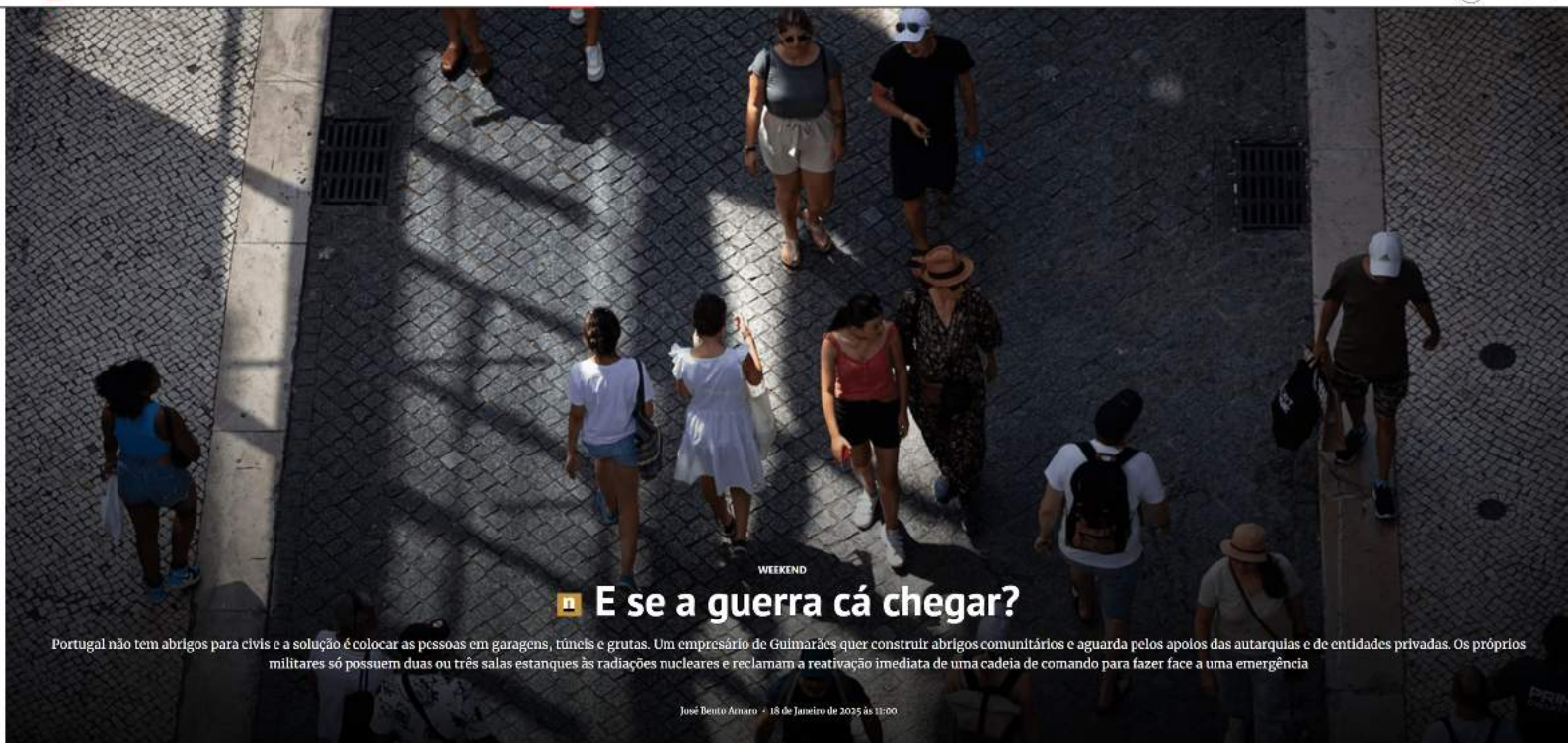
CEO de Brite quer correções legislativas em todos os domínios do país



Alto Relato: Situação abaixo dos 100 mil dólares. Não abriremos a Zona Este



Governo prepara travão às reformas: preocupações



WEEKEND

## E se a guerra cá chegar?

Portugal não tem abrigos para civis e a solução é colocar as pessoas em garagens, túneis e grutas. Um empresário de Guimarães quer construir abrigos comunitários e aguarda pelos apoios das autarquias e de entidades privadas. Os próprios militares só possuem duas ou três salas estanques às radiações nucleares e reclamam a reativação imediata de uma cadeia de comando para fazer face a uma emergência

José Bento Amaro - 18 de Janeiro de 2025 às 11:00



E se a guerra extravasar as fronteiras da Rússia e da Ucrânia e correr rumo ao Ocidente? Estará Portugal seguro? O que se oferece em termos de segurança aos cidadãos? Como nos estamos a preparar para uma hipotética escalada de um conflito que se pode tornar mundial e recorrer a armas biológicas, químicas e até nucleares? Fomos indagar sobre um cenário que, apesar de preocupar, parece ainda impossível. As conclusões dão a entender que, em caso extremo, as soluções são bem poucas. As entidades oficiais preferem não se alongar sobre "situações hipotéticas". Mas, entre os civis, há quem, como acontece noutros países, se vá precavendo. O mercado da construção de abrigos, por exemplo, mesmo sem grande dimensão, está mais ativo do que nunca.

O Negócios quis saber junto da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil que medidas poderiam ser adotadas de imediato em caso de urgência. Foi colocado um conjunto de questões relativas a abrigos, ações de prevenção e de formação dos corpos de bombeiros. A resposta, para todas as perguntas, foi "Terá de perguntar aos militares". E assim foi. Depois de um funcionário do Ministério da Defesa ter deixado no ar que "muito dificilmente" seria dada qualquer resposta conclusiva, resolvemos ir às bases. Descobrimos, por exemplo, que há corporações de bombeiros que já receberam esporádicas formações para lidarem com radiações, químicas e armas biológicas, enquanto para outros (a maioria) tudo não passa de "conversa" e de "uma utopia".

**“Portugal não possui defesas suficientes para proteger a população em caso de ataque nuclear.”**

"A verdade é só uma: Portugal não possui defesas suficientes para proteger a população em caso de ataque nuclear. Existe um abrigo no país (o Comando Aéreo - no Parque de Monsanto). Trata-se de um abrigo militar e que não foi concebido para civis. Tem duas alas, uma preparada para receber cerca de 200 pessoas, e outra um pouco mais pequena. Será nestes espaços que, previsivelmente, poderá funcionar o comando das Forças Armadas em caso de necessidade. Não há outros. Pelo menos concebidos para conter radiações. Também se fala que o Forte do Duque, ainda no tempo de Salazar, terá uma sala preparada para fazer face a esses problemas e o mesmo se diz das antigas instalações da NATO, em Oeiras, mas nada disso corresponde às necessidades. São espaços pequenos e não podem ser considerados na mesma ordem de grandeza do COFA. Além disso, são apenas pequenas salas para militares", adiantou uma das fontes contactadas.

Esclarecida a questão da inexistência de abrigos para acolher civis, a pergunta que se seguiu foi, naturalmente, para onde encaminhar as pessoas em caso de ataque. "Será muito difícil, num caso de ataque com armas nucleares, alguém poder permanecer nas casas que eventualmente ficassem de pé. A construção do parque habitacional português não é, nem de longe nem de perto, a mais adequada. Todos sabemos disso e não vale a pena arranjar desculpas. O mais aconselhável seria mandar as pessoas recolherem-se em abrigos específicos, que também não existem, ou então procurarem proteção em locais subterrâneos, como garagens (apesar de, neste caso, não ser garantida a contenção da radiação), alguns túneis do metropolitano, túneis rodoviários e ferroviários. Grutas de grande profundidade, como as da Serra de Aires e Candeeiros ou algumas na Arrábida, também poderiam ter utilidade. Nada garantido, mas...", adiantou o mesmo responsável militar.



Entrada do "bunker" no Centro de Operações Aéreas (COFA), em Monsanto (Lisboa), em 2006, durante uma visita do então Presidente da República, Cavaco Silva.

Recentemente, em declarações à Executive Digest, os majores-generais Arnaut Moreira e Isidro de Moraes Pereira vincaram a mesma preocupação de, em Portugal, não existirem instalações capazes de proteger eficazmente os civis. Ambos reiteraram que não existe um risco iminente de ataque nuclear ao país, mas lembram, ao mesmo tempo, que outros países europeus se têm vindo a preparar, enquanto que, por cá, aparentemente, ainda nada se fez.

#### Empresário quer construir abrigos comunitários

No concelho de Guimarães, labora aquela que é a única empresa nacional que até agora tem demonstrado interesse em construir abrigos, subterrâneos e de superfície, capazes de proteger pessoas e bens contra ataques com armas bem mais letais do que as convencionais. Rui Ribeiro, dono e gestor da Solid Bunkers, é perentório quando afirma que "os políticos não têm demonstrado interesse em dar andamento para a resolução de uma questão tão importante quanto a segurança da população". "Todos parecem mais interessados em construir linhas de comboio de alta velocidade, que sem dúvida fazem falta, mas esquecem-se que, no caso de uma guerra nuclear, química ou biológica, é necessário manter vivas as pessoas para que, daqui por uns anos, possam então viajar nos tais comboios de grande velocidade".

Rui Ribeiro tem desenvolvido, segundo afirma, algumas diligências junto de autarcas minhotos destinadas a encontrar apoios para o que, na sua opinião, pode ser fundamental para a defesa das populações. "É perfeitamente viável construir abrigos comunitários, capazes de albergar todos os habitantes de pequenas freguesias. Nesse sentido, já apresentei a ideia ao presidente da Câmara Municipal de Guimarães, que me disse que o assunto é merecedor de toda a reflexão, e também já falei com a presidente da Junta de Freguesia de Longos".

**“O empresário Rui Ribeiro lançou a Solid Bunkers, apresentando ao mercado algumas soluções para abrigos.**

O que é afinal um abrigo comunitário e como pode ser viável a sua construção. "Escolhi a freguesia de Longos, porque a mesma tem cerca de 1.500 famílias. A principal dificuldade para um projeto como este, capaz de acolher temporariamente três ou quatro milhares de pessoas, é conseguir o terreno para a construção e obter a isenção de taxas de licenciamento", diz o empresário. "Pelas contas que fiz, é perfeitamente possível construir um abrigo subterrâneo para toda uma aldeia. Basta que cada família pague 200 euros e outras entidades, nomeadamente os empresários e o poder local, se comprometam com a ideia. A estrutura seria útil não só em caso de guerra, mas também seria muito importante no caso de ocorrer qualquer outro desastre natural, sejam cheias, terremotos ou incêndios florestais", refere.

Rui Ribeiro critica aquilo a que chama "Incompreensível passividade do Governo" e diz que "os políticos portugueses não têm demonstrado visão". "Não se trata apenas de ainda ninguém ter decidido em que locais se vão abrigar os civis. É muito mais do que isso. Pelo que sei, aqui na zona do Minho, as corporações de bombeiros ainda não receberam qualquer tipo de formação. Se o medo apertar, a única coisa que a proteção Civil estará apta para fazer é meter uns papéis nas calças do correio".

Enquanto as ideias da Solid Bunkers ainda parecem dar os primeiros passos – "Lançamos uma petição pública para que o Governo se debruce sobre as nossas propostas, mas até agora só recolhemos 60 das 1.000 assinaturas necessárias. Continuamos à espera que as populações se consciencializem sobre os perigos que existem" –, Rui Ribeiro vai apresentando ao mercado algumas soluções para abrigos. "Temos uma versão que consiste numa construção subterrânea e uma outra que é inovadora e também mais barata e que consiste num edifício construído à superfície, mas capaz de resistir às radiações".

Os preços destes abrigos, refere o empresário, podem oscilar entre os 50.000 euros, para os abrigos mais pequenos construídos à superfície, até aos 200.000, quando se fala de espaços edificadas abaixo do solo. "Temos recebido muitos pedidos de informação e até alguns de adjudicação dos trabalhos. Também sabemos que há muita gente que nos contacta para se inteirar apenas de pormenores técnicos. Alguns estão apenas a tentar comprar portas. São pessoas que, possivelmente, não querem gastar as quantias que cobramos e que estão, elas mesmas, a avançar na construção de abrigos", diz.

O empresário afirma também que muito em breve a sua empresa poderá dar um passo importante na construção de edifícios capazes de resistirem a radiações nucleares, armas químicas e biológicas. "Se tudo correr bem, dentro de uma ou duas semanas, teremos patenteada a ideia de construção de uma casa que será única a nível mundial. Irá ser sólida o suficiente para resistir a algumas explosões, mas será sobretudo importante na contenção de radiações. Incluirá materiais específicos e cientificamente testados", garante.



Na Suécia, o Governo tem vindo a distribuir folhetos específicos que dizem à população como se deve preparar no caso de, por exemplo, existirem falhas nas comunicações, cortes de energia ou até alterações meteorológicas extremas.

"Se acho que as pessoas estão mais alerta para os perigos da guerra? Sim, nos últimos tempos, tenho notado isso. Há mais gente a querer saber como é que se pode proteger. O nosso site na Internet recebe agora, todos os meses, entre 3.000 e 4.000 visitas, o que é muito mais do que aquelas que aconteciam antes da ameaça de guerra nuclear ser tão falada. Estamos a receber contactos de todo o país e até do estrangeiro, neste caso de Espanha, apesar de, neste país, esta indústria estar mais ativa e a questão de a guerra estar a ser encarada de um modo que me parece mais sério", acrescenta o empresário do concelho de Guimarães.

#### Preocupações evidentes no norte e centro da Europa

Promover a cultura de segurança reclamada pelo dono da Solid Bunkers é algo que se faz de modo bem mais vincado nos países do norte e centro da Europa. Na Suécia, o Governo tem vindo a distribuir folhetos específicos que dizem à população como se deve preparar no caso de, por exemplo, existirem falhas nas comunicações, cortes de energia ou até alterações meteorológicas extremas.

A "Om krisen eller kriget kommer" (Se a crise ou a guerra chegarem) é uma brochura cuja primeira edição remonta à Segunda Guerra Mundial e, desde então, já foi atualizada por cinco vezes. Teve dezenas de milhares de consultas até final do ano passado, estimando-se agora que seja conhecida em todos os cinco milhões de lares do país.

Noutros locais, como na Alemanha, até já se trabalha na construção e reforço de uma rede de abrigos subterrâneos, conforme refere o major-general Arnaut Moreira.

Para aquele militar, a medida imediata passa por identificar os locais onde os civis se possam abrigar e dotá-los com equipamentos considerados básicos, como sejam a água, os filtros e sistemas de ventilação, alimentos, fontes de energia e de saneamento. Refere, no entanto, que em Portugal ainda nem sequer existe qualquer regulamentação para casos eventuais como o de uma guerra nuclear ou um ataque com armas químicas.

Em Espanha, onde os pedidos de orçamento para construção de abrigos terão sofrido um aumento de cerca de 90%, o Ministério do Interior anunciou que irá distribuir instruções sobre o modo como a população se poderá proteger em caso de guerra.



Alguns oficiais superiores a quem o Negócios deixou o desafio de se pronunciarem sobre a esta problemática sublinham o desinvestimento na área da Defesa nos últimos anos. "Não se trata apenas de não existir muito equipamento de topo e de também quase não existirem militares em número capaz de poderem fazer frente a uma ameaça. A situação é ainda mais grave, porque a ideia que todos temos é que não existe uma cadeia de comando devidamente identificada e preparada. Numa emergência, como por exemplo um ataque ao território nacional, é preciso que todos os serviços, que todos os intervenientes, saibam o que fazer no imediato. Levar tendas e montar hospitais de campanha será necessário, mas não é tudo", refere uma das fontes contactadas.

Dentro das estruturas militares, reina a ideia de que é necessária a existência uma cadeia de comando que, em minutos, dê ordens claras, mercê de estudos e levantamentos efetuados atempadamente, para que se saiba quais são as existências, os perigos reais e as opções para combater ou minimizar os eventuais danos.

Haverá por todo o país diversas instalações militares ao abandono. Muitas poderiam ser úteis para acolherem civis, mas para isso seria necessário investir, referem as fontes contactadas. Louvam o facto de os militares, os bombeiros, os polícias irem às escolas explicar às crianças como se podem proteger e quais os bens que deverão ter à mão, mas lembram que isso de nada valerá caso não existam condições reais onde as pessoas se possam abrigar das bombas e das radiações. "Podem existir duas ou três salas para operações militares, mas não há nada preparado para acolher a população".



VER COMENTÁRIOS

#### SABER MAIS

• Guerra • bunkers • srtigos • guerra • Rússia • Ucrânia • Ocidente • Portugal • nucleares • NATO • exército  
• Defesa